

ESTUDOS DE HETEROTOPOLOGIA:

uma travessia por outros espaços na literatura e nas demais artes

organizadores:

André Pinheiro

Herasmo Braga

Luizir de Oliveira



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)

-
- P654e Pinheiro, André; Braga, Herasmo; Oliveira, Luizir de (orgs.).
Estudos de heterotopologia: uma travessia por outros espaços na literatura e nas demais artes
Organizadores: André Pinheiro, Herasmo Braga e Luizir de Oliveira.
1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2024;
figs.; fotografias.
E-Book: 7 Mb; PDF.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-217-0341-9.

1. Artes. 2. Crítica Literária. 3. Linguística.
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.
-

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística. 410
2. Artes. 700
3. Literatura: análise e crítica. 801.95

ESTUDOS DE HETEROTOPOLOGIA:

uma travessia por outros espaços na literatura e nas demais artes

organizadores:

André Pinheiro

Herasmo Braga

Luizir de Oliveira



Copyright © 2024 – Dos organizadores representantes dos autores

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Revisão: Joana Moreira

Editoração: Vinnie Graciano

Capa: Acessa Design

Imagen da capa: Imagem de Mystic Art Design por Pixabay

Concepção estética da capa: André Pinheiro

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares.

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman
(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão
(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes
(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros
(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi
(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro
(Université de Genève – Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho
(UNB – Brasília)

Rogério Tilio
(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva
(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteado, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
André Pinheiro	
Herasmo Braga	
Luizir de Oliveira	
MICHEL FOUCAULT: HETEROTPIAS, UTOPIAS, CARTOGRAFIAS, PIROTECNIAS DE UM CORPO	13
Marisa Martins Gama-Khalil	
Marcus Vinícius Lessa de Lima	
FENDAS ABERTAS NO ESPAÇO DO PRAZER: UMA ABORDAGEM HETEROTÓPICA DO BORDEL E DO CAIS	48
André Pinheiro	
Gil Derlan Silva Almeida	
CORPOS DÓCEIS E ESPAÇOS DE CRISE E EXCLUSÃO EM MANHÃ SUBMERSA, DE VERGÍLIO FERREIRA	83
Fernando Alexandre de Matos Pereira Lopes	
Ana Maria Marques da Costa Pereira Lopes	
HETEROTPIA DO DESVIO EM O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO, DE VALTER HUGO MÃE: PODER E DEGRADAÇÃO HUMANA	105
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
Rhusily Reges da Silva Lira	
A PERFORMANCE POÉTICA COMO HETEROTPIA: CORPO, TEXTO, PERCEPÇÃO E VIRTUALIDADES	125
Tiago Barbosa Souza	

HABITAR O MUNDO A PARTIR DA LITERATURA: O LEITOR, DE BERNHARD SCHLINK, E A NOÇÃO FOUCAULTIANA DE ESPAÇO	149
Jivago Araújo Holanda Ribeiro Gonçalves	
HETEROTPIAS DE CRISE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: JAMES BALDWIN E A SEGREGAÇÃO DA POPULAÇÃO GAY	172
Paulo Narley Pereira Cardoso	
Luizir de Oliveira	
ACELERAÇÃO SOCIAL E POBREZA DE EXPERIÊNCIA EM FAHRENHEIT 451 (1953), DE RAY BRADBURY	204
Andressa Silva Sousa	
Emanoel Cesar Pires de Assis	
A CIDADE DOS MORTOS: MUTAÇÕES HETEROTÓPICAS E A EXPERIÊNCIA DA ENFERMIDADE NO CONTO “VIOLAÇÃO”, DE RODOLFO TEÓFILO	228
Maria Iara Zilda Návea da Silva Mourão	
HETEROTPIAS DO CONTRAGOLPE	248
Lasaro José Amaral	
Ozíris Borges Filho	
<hr/>	
PRISMAS HETEROTÓPICOS NA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO	
O LUGAR DA MORTE: HETEROTPIA E DISTOPIA EM JOSÉ SARAMAGO	271
Carolina de Aquino Gomes	
O MANICÔMIO COMO REPRESENTAÇÃO HETEROTÓPICA NO ROMANCE ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, DE JOSÉ SARAMAGO	291
Jeymeson de Paula Veloso	
HETEROTPIAS EM AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE, DE JOSÉ SARAMAGO	314
Herasmo Braga	
SOBRE OS AUTORES	332

HETEROTOPIAS DO CONTRAGOLPE

Lasaro José Amaral¹

Universidade Federal de Catalão

Ozíris Borges Filho²

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

■ 1. INTRODUÇÃO

A literatura pode ser concebida nas mais diversas formas e com os mais diversos intuições. É possível, por exemplo, falarmos de literatura regionalista, de engajamento, bem como muitas outras modalidades. Embora possa parecer supérfluo, é de suma importância falar de literatura e repressão no atual contexto de regimes autoritários que prosperam pelo mundo afora, e especialmente na América do Sul.

A opressão, a tortura e a força bruta são comuns na vida e no seio da sociedade que pretende defender o direito à democracia, à liberdade e, principalmente, à vida. Em regimes ditoriais, é costume que sejam suprimidos tais direitos e que a força das armas e do poder

¹ Mestre em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Professor de metodologia da pesquisa científica da Faculdade Cidade de Coromandel. *E-mail:* professornetinho@hotmail.com.

² Doutor em Estudos literários. Professor do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG/Campus de Catalão. Professor de Teoria da Literatura da UFTM. Bolsista PET. *E-mail:* oziris@oziris.pro.br.

sejam preponderantes em detrimento do diálogo e da troca de ideias que possam ser conflitantes.

No ano de 1964, o Governo do presidente João Goulart é deposto e a partir de então se instala uma ditadura militar no Brasil. O primeiro presidente militar é Castelo Branco, seguido por Costa e Silva e, então, chega-se ao governo do Presidente Emílio Garrastazu Médici, época na qual é ambientada a trama escrita por Maria José Silveira.

De acordo com a narradora (2005, p. 234), toda a diegese ocorre em

Uma sexta-feira como incontáveis outras daqueles anos, hoje quase inimagináveis e, no entanto, tão próximos – em que desconcertante que pareça – até para quem esteve no coração perturbador daquela época – esta cidade, São Paulo, tinha bombas que explodiam em suas ruas, tinha bancos sendo assaltados, blitz parando as filas de carro a qualquer hora do dia ou da madrugada, soldados espalhados a qualquer momento pela cidade, e o mero passante, sem querer, se via de repente respirando um ar contaminado de pura adrenalina e medo. Eram os anos da ditadura. Os tempos de Garrastazu Médici.

Anos difíceis, sobretudo para aqueles que ansiavam dia e noite a liberdade de ser e de estar. Aborda-se a questão de ser e estar precisamente pelo fato de que é impossível ser sem estar em algum espaço e em um determinado tempo³. O estar não se resume apenas a um posicionamento físico, implica também um posicionamento social. Em relacionamento com iguais e diferentes. Ficam claras tais premissas a partir do momento em que a narradora afirma ser o tempo do governo Médici – que pode necessariamente estar entre os anos de 1969 e 1974 – assim como a cidade de São Paulo. Num único dia serão desencadeados acontecimentos que marcarão para sempre a vida

³ É justamente a essa imbricação do espaço-tempo que Bakhtin (1998) chamou de cronotopo.

das personagens envolvidas. Alguns viverão, mas outros terão a vida ceifada pelo regime vigente.

Nota-se que o espaço da cidade de São Paulo, principalmente o centro, passava por um turbilhão de situações, entre elas a incerteza do que poderia acontecer a qualquer momento em nome da “ordem” e da “lei”. As pessoas eram surpreendidas com explosões em diversos lugares, blitz policial a qualquer momento do dia ou da noite, assim como roubos a bancos ocorriam com certa frequência.

O cidadão comum, não militante e nem militar, via-se sitiado diante de tal situação e, como bem disse a narradora, respirava-se um ar contaminado de adrenalina e medo.

Desse modo, o presente trabalho pretende fazer uma análise dos espaços, a partir de uma ótica física e social, descritos na obra “Felizes poucos” da escritora Maria José Silveira, bem como destinar paralelamente uma abordagem das personagens citadas na diegese, a literatura de testemunho e, de modo claro e objetivo, propor uma discussão acerca do momento mais rigoroso da Ditadura militar brasileira assim como seu peso sobre aqueles que se atreviam a buscar a verdade, a liberdade e a justiça.

■ 2. TOPOANÁLISE E HETEROPIAS

Para o desenvolvimento deste trabalho serão abordadas duas teorias do espaço. A primeira, apresentada por Borges Filho sobre a Topoanálise, que consiste na análise dos espaços apresentados e percorridos pelas personagens e como os referidos espaços podem estar ligados a uma determinada ação da personagem, antecipar e até mesmo revelar algo na diegese. O espaço desempenha funções fundamentais na narrativa. Tudo que estiver contido na trama consiste em espaço e tem uma razão de ali estar da forma como é disposto no conto.

Para esta análise, propõe-se abordar esses espaços que são mostrados na narrativa e demonstrar sua relação com a mesma. Assim,

serão abordados os espaços privados e públicos. Da mesma forma, aproveitando esses espaços, trabalhar-se-á o pensamento de Foucault (2001) apresentado no texto “Outros espaços” em que o autor elabora o conceito de heterotopia que consiste no espaço do outro. Segundo ele, o espaço do outro foi esquecido pela cultura ocidental que priorizou o “eu” e não o “ele”.

Nesse ínterim, a iniciativa filosófica de Foucault foi despertar os espaços do outro, onde o exercício do poder pela racionalidade ocidental procurou suprimir pela busca do espaço do semelhante. Conceito mais empregado e utilizado na geografia humana, porque se interessa não apenas com os espaços físicos, mas com as relações que se operam nesses espaços pelas pessoas.

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. [...] Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama (Foucault, 2001, p. 411).

No presente trabalho a autora descreve vários espaços heterotópicos que trabalharemos ao mesmo tempo que discutiremos os topos percorridos pelas personagens. Analisando tanto a questão do espaço físico como os elementos heterotópicos apontados pela autora, serão duas abordagens sobre o mesmo objeto espacial.

■ 3. O TESTEMUNHO E OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Inicialmente a narradora nos traz, em tom alarmante, a necessidade de expor e comentar sobre o passado conturbado do Brasil e a sociedade deveria se interessar mais pelo passado obscuro do qual muitos esqueceram ou de que se fala bem pouco. Destaca-se, nos primeiros parágrafos, que a abordagem da narradora é testemunhal, “[...] na verdade não gosto de relembrar aquela época, muito menos falar sobre

ela. Mas tenho um motivo para isso, sei exatamente por que não gosto, e posso até lhe explicar meu motivo no final [...]” (Silveira, 2005, p. 231) Ao expor a dificuldade em falar sobre a temática, interessa-nos ressaltar que a literatura de testemunho é capaz de recobrar os eventos passados que sofreram tentativas de apagamento e ou supressão.

A definição de literatura de testemunho deve ser compreendida em amplo sentido, haja vista que a população brasileira viveu o contexto ditatorial, e os livros de história registraram o processo do início ao fim, entretanto, delimitar o que é literatura de testemunho é também compreender, como afirma Seligmann-Silva (2000, p. 41) que não somente quem viveu o martírio pode testemunhar, todos podem pois o passado que aqui trataremos é coletivo e compõe o processo histórico do Brasil.

Nesse sentido, o chamamento da narradora homo e autodiegética convida todos para que testemunhem o relato a seguir, em forma de narrativa, para resgatar o processo histórico do Brasil enfrentado por aqueles que viveram no período da ditadura, isto é, de 1964 a 1985. A temática da Ditadura Militar sempre é assunto questionável por haver aqueles que a negam e os que a testemunharam e sofreram suas consequências. Nesse sentido, vale lembrar Terry Eagleton (2001, p. 1) quando afirma que a distinção entre fato e ficção são desnecessárias, pois ambas, muitas vezes, são questionáveis e, desse modo, devemos nos ater aos detalhes do evento passado e sua constituição como, por exemplo, as questões de poder.

As relações de poder são percebidas com mais clareza em regimes ditoriais. Prova disso são os encadeamentos de poder estabelecidos entre os que detêm os mesmos em comparação àqueles que não os possuem. Nesse quesito faz-se necessário tratar da questão da fronteira. Quais espaços são destinados a atividades populares e quais não o são? Quem determina o que pode e o que não pode nesses locais? Os espaços públicos, sobretudo nas democracias, são destinados ao lazer,

descanso e também manifestações culturais, políticas, religiosas, dentre outras. De acordo com Borges Filho (2007, p. 30), poder é a “[...] possibilidade que uma pessoa (ou o estado) tem de exercer sobre outra sua vontade”. Entende-se que esse domínio também pode ser exercido sobre grupos e até mesmo sociedades inteiras.

Foucault (1984) acerca desses espaços afirma que “estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos” (1984, p. 413). Analisa-se, portanto, como um mesmo espaço pode se apresentar de maneiras diferentes a pessoas diferentes. Chega-se, dessa forma, ao conceito de heterotopias, que permite pensar a realidade do espaço e as relações sociais através da ideia de representação.

Segundo Borges Filho (2007), o poder pode ser praticado de duas formas, quais sejam, coerção e sedução. A primeira seria caracterizada quando se impõe penalidades, punição, desde os níveis mais brandos aos mais incisivos, com o intuito de que a vontade de um indivíduo ou de uma instituição venha a ser colocada em prática e a segunda utilizando métodos mais amenos como, por exemplo, carícia, carisma, recompensa e tudo o mais que não configure uma punição.

Além disso, o conturbado século XX da América Latina é marcado por regimes ditatoriais em que tais práticas de controle foram aplicadas para conter a população e o estado de subserviência a países política e economicamente mais robustos e estáveis. Dentro desse cenário, Alejo Carpentier salienta que: “[...] os nossos fiéis exércitos nacionais, têm-se sublevado muitas vezes para derrubar um governo. Nos países da Europa os exércitos regulares servem para defender uma nação perante a agressão de outra nação” (Carpentier, 1980, p. 21). Dado o exposto, naturalmente, o controle das forças armadas, como exército particular submisso a desejos imperativos, seria capaz de censurar e delimitar regras para a população assim como delimitar espaços.

Debater o uso dos espaços públicos e principalmente a repressão em tais espaços tidos como públicos torna-se imprescindível, uma vez que cidadãs e cidadãos têm restrita a permissão de exercer tanto o direito de ir e vir bem como o que se pode fazer nesses locais. Nos detemos a examinar o espaço da estação de trem, onde acontece a panfletagem na parte da manhã e também as livrarias e a padaria onde as personagens femininas tomam café.

■ 3.1 A estação de metrô

A história que se passa em apenas um dia, uma sexta-feira como qualquer outra, começa com um trabalho integrado dos componentes do grupo, autodenominado pela narradora homo-autodiegética de “irmãos” cujo objetivo era a luta contra o regime político instalado e a conscientização das pessoas sobre o que realmente se passava no país, mais visível nas grandes cidades, principalmente nas capitais. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre são exemplos disso.

O texto de Maria José Silveira é ambientado na cidade de São Paulo. Na sequência da diegese é possível perceber que uma das primeiras coisas que acontecem naquela marcante sexta-feira foi uma ação simples, “uma pequena ação de panfletagem realizada com sucesso enquanto o sol despontava na manhãzinha que começara nublada e triste, e era agora clareada pelo sol que tornava o ar levemente dourado, dando-lhe a transparência cristalina das manhãs de final de maio em São Paulo” (Silveira, 2005, p. 234-235). Ainda escuro, na madrugada e com roupas disfarçadas, o grupo se encontra para executar uma tarefa que, apesar de simples, podia tomar rumos extremamente perigosos se fosse descoberta.

A estação de trem é um espaço de passagem, em termos de relações, é um local heterogêneo, em que as pessoas transitam e não se fixam. Um local onde se encontram pessoas de várias convicções,

por isso a ação de panfletagem deveria ocorrer de forma cautelosa e vi-giada. Apesar de ser um espaço público, aberto, onde poderia ocorrer a livre circulação das pessoas, aquele grupo é um grupo de desvio, um grupo que tem um posicionamento diferente do grupo dominante, sendo passível de repressão do grupo que detém o poder político.

Foucault (2001, p. 414) diz que “não vivemos em um espaço homogêneo e vazio, mas, pelo contrário, um espaço que seja povoado de fantasmas”. É importante ainda ressaltar que o autor de *Vigiar e punir* afirma ainda que “o espaço de fora nos corrói e nos sulca [...] vivemos num conjunto de relações que definem posicionamentos irre-dutíveis uns aos outros” e, nesse sentido, aqueles que detêm o poder têm armas e condições de pressionar, corroer e sulcar o espaço e a vida dos indivíduos que não sejam coniventes com determinados modelos de governo.

Desta forma as personagens do conto pertencem a um grupo de pessoas nessa realidade social. Apresentam posicionamentos po-líticos e sociais divergentes e precisam oscilar entre dois mundos, um legal e outro ilegal. Talvez, há uma mistura entre esses dois mun-dos, para Mara, a narradora, o mundo legal/real era aquele da resis-tência enquanto para os outros, que passeiam alheios a tudo o que acontece, o mundo, a realidade de Mara e companheiros é uma utopia, uma irrealdade.

Esses dois mundos, essas duas possibilidades em um mes-mo espaço físico. O espaço da estação de trem consiste em espaços de relações transitórias, passageiras, mas são importantes porque es-tão no mundo que sulca e destrói as pessoas. Esse espaço tem a ca-pacidade de se relacionar com todos os outros. Esses espaços que são capazes de se relacionar com todos os outros, mas que apresentam dis-tinções suspendendo, neutralizando ou invertendo relações são cha-mados por Foucault de heterotopias. Vejamos um trecho que nos apre-senta de forma bem explicita “o conjunto de relações pelo qual se pode

definir esse posicionamento de passagem”, uma das características das heterotopias:

Entregavam, nas mãos dos trabalhadores que passavam sonolentos e mal se davam conta do que estava acontecendo, panfletos denunciando a situação do país. Alguns, poucos – os que percebiam o que faziam ali aquelas mocinhas conspícuas de calças Lee, uma de casaco preto, a outra de japona azul-marinho –, paravam um segundo e, no susto, tiravam as mãos geladas dos casacos, pegavam rápido o panfleto estendido, colocando-o imediatamente no bolso, sem sequer olhar para o lado. Outros passavam direto, mal levantando a cabeça enfiada na gola do casaco, apressados, atrasados ou apenas temerosos. Nem olhavam. Outros, ainda, alheados – a maioria – estendiam a mão e pegavam o pedaço de papel sem ter noção do que era aquilo (Silveira, 2005, p. 235).

Esse trecho demonstra bem como são diferentes os posicionamentos das pessoas que estão nesse espaço heterotópico da estação, um mesmo espaço físico composto de diferentes tipos de pessoas que se relacionam e apresentam posturas diversas diante do mesmo momento histórico-social. Algumas pessoas mostram medo, outras cumplicidade e outras ainda demonstram indiferença. Basicamente, temos aqui as três posições básicas em situações como essa.

A narradora utiliza de uma sequência de palavras para apontar uma antecipação dos fatos da narrativa, uma vez que descreve o dia começando bem, com sucesso, porém numa manhã nublada e triste. Em seguida, o sol vinha clarear o dia e trazer necessariamente calor transformando o ar em levemente dourado, ou seja, um contraste com o ar contaminado de adrenalina e medo. A descrição do espaço, em tal contexto, vem antecipar os fatos da narrativa uma vez que, ao final os “irmãos” são em sua maioria mortos e/ou torturados.

Borges Filho (2007, p. 41, grifo nosso) afirma que “através dos índices impregnados no espaço, o leitor atento percebe os caminhos seguintes da narrativa. Em outras palavras, há uma **prolepse**⁴ espacial”. Tal função do espaço contribui de forma significativa na interpretação e nos fatos que porventura vêm a ocorrer no conto. E ainda o evento que desencadeia a descoberta do apartamento (aparelho) do grupo. A blusa preta com o comprovante de pagamento de prestação da geladeira, o qual daria a localização exata de todos e facilitaria a emboscada para que fossem capturados.

Se o dia amanhecer calmo, calmos também estavam os arredores da estação onde havia sido feita a panfletagem. A repressão aumentara muito nos últimos anos, em espacial no governo Médici, e o medo era claro nos componentes da organização. Ao menor sinal de perigo, era necessário ter cautela e saber como lidar com a situação. Assim, de acordo com a narradora,

Ao longe, um carro da polícia, sirene desligada e luz apagada, aproxima-se devagar, como um besouro. Mara suspira aliviada. Tem medo, sempre teve medo, ainda que uma ação como aquela de panfletagem quase não oferecesse risco nenhum, se feita com cuidado, respeitando as normas de segurança. Era o que ela cansara de fazer como estudante e, de certa maneira, já tinha a manha, sabia mais ou menos como atuar. Só que agora não era mais estudante, e a repressão tampouco era a mesma (Silveira, 2005, p. 235-236).

Duas questões fazem-se primordiais nesta análise. A primeira diz respeito à idade da moça que fazia a panfletagem. Fosse ela ainda menor de idade, estudante de ensino médio teria um tratamento mais ameno, com menos peso sobre tal atitude na estação de metrô. Mas não. Agora a moça já é adulta e responde como tal, principalmen-

⁴ De acordo com o Dicionário eletrônico Houaiss, prolepse é a ocorrência precoce ou prematura de (algo); antecipação.

te, no que tange a atos subversivos e que atentam contra as ideias do atual regime. A segunda é mais expressiva. A repressão ficou ainda mais dura e pune impiedosamente os cidadãos e cidadãs que se revoltam contra a mesma. Mas, após a aflição vem a calmaria e as amigas combinam de se encontrarem na padaria para tomar um café.

O dia começa calmo, com os trabalhos obtendo sucesso e, desse modo, segundo a narradora: “Só agora, na padaria, toma sua média com pão e manteiga. Adora esse movimento calmo do dia que começa. Se não fosse tão sonolenta como é, gostaria de todos os dias despertar bem cedo e ver tranquila o sol novo das manhãs. Sente-se feliz” (Silveira, 2005, p. 237). Porém, a tranquilidade do sol novo das manhãs não representa o momento porque passava a nação com bombas sendo lançadas contra civis, opressão, tortura e morte de cidadãs e cidadãos brasileiros que lutavam por sonhos, igualdade e equidade. A padaria também tem uma das características básicas das heterotopias, o fato de serem locais de paradas provisórias.

Só o fato de ter que viver e operar na clandestinidade já torna o trabalho um tanto quanto pesado e perigoso. Contudo, há pequenos prazeres no dia a dia, como estar do lado de Alfredo, Mara, Mauro e o “hóspede”, lutar por ideias que acreditava e sonhar com um futuro que permitisse aos compatriotas e às futuras gerações uma vida com mais efervescência cultural, assim como viviam países da Europa naquele exato momento. Paris, a capital francesa é citada com entusiasmo. E o sonho de ver o Brasil nessa mesma vanguarda aflora os pensamentos e sentimentos da narradora e dos demais personagens.

■ 3.2 As livrarias

A livraria, mais um espaço público heterotópico de parada provisória, apresenta-se como um lugar amplo e atraente à medida que a conversa entre as amigas evolui. E em época extremamente opressora, falar de felicidade pode parecer uma afronta. A disciplina de filo-

sofia foi censurada durante parte do período militar e, numa livraria cujo nome remete à capital federal, nota-se que o assunto da conversa é bastante sugestivo.

Na Brasiliense, uma delas abre um livro de Nietzsche. Conta que assistiu a uma aula sobre o filósofo e a alegria. Se entendera bem o que disse o professor, para Nietzsche, a metafísica e a moral cristã – graves, soturnas e sombrias – não comportavam o riso e a espontaneidade da alegria. Que a alegria, a felicidade, a vida estão aqui na terra e não em um mundo transcendente (Silveira, 2005, p. 239).

Ao invocar Nietzsche, as amigas exercem a prática da filosofia ao debaterem o que se ouviu em uma aula sobre o autor que versava sobre a felicidade. O espaço da educação, e sobretudo da Universidade, são levados em consideração em um âmbito que, de modo extremamente claro, o espaço do pensamento livre era um dos mais atacados.

As livrarias, assim como os museus e bibliotecas, são importantes heterotopias heterocrônicas.

nas quais o tempo não cessa de se acumular e de se encapitar no cume de si mesmo... a ideia de tudo acumular, a ideia de constituir uma espécie de arquivo geral, a vontade de encerrar em um lugar todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a ideia de constituir um lugar de todos os tempos que esteja ele próprio fora do tempo e inacessível à sua agressão, o projeto de organizar assim uma espécie de acumulação perpétua e infinita do tempo em um lugar que não mudaria (1984, p. 419).

É nesse ambiente de acumulação temporal embora esteja em apenas um espaço físico que as personagens “furtam o pensamento de Nietzsche” numa forma figurada de resgate de um passado que está

esquecido e que é presente “Que a alegria, a felicidade, a vida estão aqui na terra e não em um mundo transcidente”.

As personagens transitam, ou melhor, deslocam em diferentes espaços públicos de modo que se sentem, apesar do regime, livres. Importante salientar que havia sido combinado passar por três livrarias, mas a de Ciências Humanas não é descrita e nem há uma simples menção de que a visitaram. Partem então para a terceira e última livraria. Portanto, de acordo com a narradora,

A seguir, entram na Livraria Francesa. Mara encontra o novo número de *Les Temps Modernes*, com artigos de Frans Fannon e Sartre. Abre a revista, lê alguns parágrafos, quer ler mais. A revista, que é brochura como um livro, está colocada em uma prateleira nos fundos da loja, parecendo pedir com descrição para ser expropriada. Atrás do biombo humano improvisado pelas amigas [...] ela rapidamente estica o braço e a abriga entre o peito e o casaco (Silveira, 2005, p. 240).

Aqui, ocorre o segundo ato de “expropriação”, sendo o primeiro o livro de Nietzsche. Não deixa de ser curioso a presença dessa ação, o roubo, vindo justamente de pessoas comprometidas com a justiça social. Nessa atitude poderíamos ver o fato da contradição humana que luta pela justiça, mas que comete também suas injustiças. Ou ainda, poderíamos refletir a partir dessas cenas no malabarismo mental das pessoas em encontrar justificativas para seus atos, por mais deploráveis que sejam. Finalmente, podemos entrever quase que uma *mise en abyme* a respeito do tema da arbitrariedade. As duas pequenas cenas tão inocentes que se passam no microespaço da livraria guardam ecos do que se passa no macroespaço do país. Num ponto menor, claro, representa-se a arrogância humana de entrar no espaço do outro e levar por vontade própria aquilo que não lhe pertence.

À medida que a diegese evolui, nota-se o quanto importante é a descrição dos espaços na obra literária naquele momento específico. Ações e espaço estão indissociáveis, destacando-se a ideia do cronotopo bakhtiniano. Há uma relação muito próxima, ou seja, uma assimilação do que ocorria no país à época da ditadura militar e os espaços percorridos pelas personagens. Os livros que propunham a reflexão, como os de filosofia, ficam dispostos quase que escondidos, assim como se pode perceber na descrição do trecho acima, nos fundos da loja.

Se o assunto sobre filosofia incomodava, debater política ou liberdade de expressão então não eram de modo algum vistos com bons olhos pelos detentores do poder e sufocar ou suprimir materiais que levassem a tais discussões era uma das maneiras de exercer poder e manipular a população.

■ 4. ESPAÇOS PRIVADOS

O escritório onde funcionava a sede do jornal e o apartamento, denominado “aparelho” são os espaços privados descritos no texto. Necessário lembrar que o emprego no jornal, assim como afirma a narradora ao explicitar que “[...] ela mesma se admira: como pode ter essa vida dupla? Militante de uma organização clandestina e repórter de um jornal burguês. Dois polos de uma contradição arriscada. Mas a circunstância – e o homem não é o homem e sua circunstância?” (Silveira, 2005, p. 240), era de fundamental importância para manter as aparências e que boa parte dos militantes tinham emprego com carteira assinada. Porém, o ideal seria manter um emprego em fábricas ou locais na periferia, onde seria possível um contato mais direto com o povo.

■ 4.1 O prédio do jornal

Após a ação bem-sucedida do início do dia na estação de metrô, Mara se dirige para o prédio onde funciona o escritório do jornal. Ao chegar ao local a narradora afirma que

Ainda é cedo, o grande elevador do velho prédio está vazio; nos corredores desertos o silêncio é precioso e acolhedor, antes do começo do dia, quando os espaços abertos se estendem para reter ao máximo as sombras noturnas, enquanto se preparam para receber outra vez o cotidiano de sempre – movimentos, calor e ruídos, siameses da luz que começa a passar, obstinada, pelas persianas (Silveira, 2005, p. 238).

A descrição cronotópica nessa passagem é assaz interessante. Tempo e espaço se relacionam intimamente, e o espaço varia de acordo com o momento do dia. Naquela hora em que a personagem chega ao trabalho, ao velho prédio (marcação cronotópica por excelência), é cedo e isso determina o fato de ele estar vazio e esses “espaços abertos” tentam reter a noite ao mesmo tempo em que “se preparam” para receber a multidão de trabalhadores que estão prestes a chegar, transformando o cronotopo do prédio que, com a chegada da massa, se torna cheio de “movimentos, calor e ruídos”. Temos, portanto, dois tempos e dois espaços: antes da chegada dos trabalhadores e após a chegada dos mesmos. Tempos diferentes, espaços diferentes. Ainda, devemos destacar no trecho citado a belíssima metáfora que aproxima os raios que passam pela persiana com a chegada do contingente de trabalhadores e seus ruídos.

Mara leva consigo uma roupa mais adequada para a função remunerada e, como se se transformasse em outra pessoa, num outro ser, troca a roupa rapidamente antes de começar o dia de trabalho. Chega antes dos demais colegas de trabalho para ter tempo de organizar as tarefas do dia a dia, mudar de roupa e não levantar suspeita das atividades clandestinas, uma vez que trabalha em um jornal burguês que, provavelmente, devia ser protegido pelo regime ou ao menos não querer entrar em atrito e ser fechado.

Ao entrar no jornal, Mara passa por uma grande transformação que é assim descrita:

Já não está de calça jeans nem de tênis – trocou-os no banheiro do jornal, assim que entrou, colocando-os numa sacola e depois dentro da gaveta inferior de sua mesa, na redação. Soltou os cabelos pretos que estavam presos em um rabo e passou um leve delineador nos olhos e um pouquinho de rímel. Veste agora meia-calça preta, minissaia vinho, sapatos pretos de saltinho, a mesma blusa branca que usava com o jeans. Está pronta para o dia de trabalho. Ajeita um pouco a meia que ficou mal colocada, senta-se e lê a edição do dia.

‘Médici inaugura uma hidrelétrica no Nordeste’.

‘O SNI entrega medalhas a civis’.

‘Zagalo afirma que não vamos parar no Tri’ (Silveira, 2005, p. 238).

Interessante observar que as notícias veiculadas tinham o interesse de exaltar os feitos do governo bem como da nação. Inauguração de uma Usina Hidrelétrica no Nordeste, símbolo de energia, de força e de vitalidade e que contribuiria de forma exemplar para o crescimento da economia do país. Civis recebendo medalhas por feitos “extraordinários” e o mais significativo: a pátria de chuteiras vangloria os heróis do tricampeonato mundial, no México. E não vai parar por aí, assim como também para aqueles que detinham o poder, o país não pararia no seu crescimento.

O espaço heterotópico mostra a dicotomia da personagem que se divide em duas, com aparências distintas. Poder-se-ia dizer que Mara se divide, multiplica-se de acordo com as circunstâncias e os espaços, tal qual a citação feita acima: “Mas a circunstância – e o homem não é o homem e sua circunstância?”. Dessa forma, temos a revolucionária na estação de trem, a jornalista no “velho prédio”, a ladra na livraria e a esposa amorosa e apaixonada no apartamento. Teríamos então esse ser cindido em, pelo menos, quatro facetas de acordo com os cronotopos frequentados. No apartamento, cronotopo heterotópico mais

complexo, mais carregado de tempo histórico, biográfico e emocional, há uma mistura entre a guerrilheira e a companheira amorosa.

■ 4.2 O apartamento “aparelho”

O apartamento no qual moravam Mara e Alfredo era pequeno e simples. A maior parte da mobília era proveniente de segunda mão e o fato de terem adquirido uma geladeira nova transformaria a vida de todos eles. O hóspede torturado, Mara e Alfredo mortos e Clarice também torturada, a ponto de quase perder a vida.

No ‘aparelho’ onde (Mara) mora com Alfredo, um apezinho de quarto e sala, na Lapa, Mauro, camarada da Direção, está passando uma temporada. O apê tem poucos móveis, comprados de segunda mão: na sala, mesa e cadeiras de fórmica azul, uma pequena estante de madeira e, fazendo as vezes de sofá, uma cama patente com dois colchões e almofadas, para noites com hóspedes como aquela. No quarto, um armário simples e outra cama simples de casal. Na cozinha, o fogão de quatro bocas, a geladeira nova e um armário pequeno. No banheiro, o armário e o cesto de roupa suja. Na pequena área, uma máquina de lavar de segunda mão (Silveira, 2005, p. 242).

O espaço descrito do apartamento apresenta-se como um local pequeno, sem luxo, mas extremamente acolhedor. Acolhia pessoas que se identificavam ideologicamente, tudo com um objetivo comum. A sala servia também de dormitório de modo que o sofá se tornava cama quando necessário. “A união que vinha da luta por algo em que acreditavam, com todo o entusiasmo de jovens – contra a injustiça, contra a exploração e a burguesia. A luta pela construção de um outro mundo. Um fim e um começo. Isso que fazia deles um bando de irmãos (Silveira, 2005, p. 247). Essa luta que custou vidas e sonhos deu-se em busca daquilo que almejam os indivíduos: liberdade e justiça.

Dentro do apartamento Mara, Alfredo e o hóspede se sentiam felizes e um tanto quanto seguros. Apesar de ter que manter objetos escondidos e deixar transparecer que o espaço do apartamento era destinado a apenas moradia de pessoas comuns que não ofereciam risco ao sistema político vigente. A narradora de “Feliz Poucos” emite uma ideia de que o espaço vazio da rua, numa noite escura e sem lua é que era perigoso. “E ali estão, conversando na pequena sala, naquela noite de sexta-feira. Estão tranquilos, têm um rumo. Sentem-se bem. O perigo está lá fora – no cheiro, no frio, na luz fragmentada da noite – mas não está dentro deles. A noite é fria, sem lua (Silveira, 2005, p. 247). Nota-se aqui uma interessante oposição entre o dentro e o fora, o interno e o externo.

Sobre esse espaço, observa-se que ele pode ao mesmo tempo ser um espaço privado, porque é a moradia de Mara e Alfredo, como também funcionar como uma heterotopia de desvio, segundo Foucault, afinal o espaço deveria ser uma casa, um lar, todavia é um hotel, um aparelho onde algumas pessoas que divergem do regime se escondem. Um local em que os moradores precisam dar uma aparência de lar quando na verdade não o é propriamente dito. Essa espacialidade é uma daquelas “na qual se localiza os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida. São as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas também entendido as prisões” (Foucault, 2001, p. 416).

Não se poderia categorizar esse espaço como sendo uma heterotopia da prisão, mas certamente é de desvio em relação ao restante da sociedade. Temos aqui a heterotopia do “aparelho”, nomenclatura muito comum em situações de ditadura que são caracterizados por serem espaços de esconderijo, organização e fuga dos contrários ao regime.

É marcada uma operação para tirar o hóspede da cidade uma vez que ele era procurado. Sua foto estava estampada em cartazes coloca-

dos em diversos espaços públicos da cidade como um criminoso. Havia passado por mudanças no visual. Tivera o cabelo cortado e em seguida descolorido e pintado por Mara ainda no apartamento recentemente. Como os militares já conhecem o local onde o hóspede se encontra, armam uma emboscada a fim de capturá-lo e consequentemente prender todos os demais. “As ruas estão tranquilas e, depois de vários dias trancado no ‘aparelho’, o ar puro da noite embriaga mais do que o vinho que tomou. Não volta ao local onde Mauro o aguardará por 10 minutos. Desrespeitando as normas de segurança, resolve esperar. É quando a polícia chega” (Silveira, 2005, p. 248). A escolha vocabular remete a uma interpretação de que não se deve desrespeitar, o regime ou o que quer que seja, que se corre o risco de ser punido. A embriaguez do vinho e da noite escura contribuem para que o hóspede seja capturado.

A partir de então, torna-se questão de tempo para que os militares invadam, matem e usurpem o que há de valor no pequeno apartamento e em que Mara e Alfredo viviam uma vida de amor, de lutas e de sonhos. Todavia, o fato que revela o esconderijo, o aparelho, não é a captura do hóspede, mas sim a troca de blusas entre Clarice e Mara. O endereço estava em um carnê de pagamento de uma geladeira. Todos os elementos da narrativa estão encadeados como uma grande trama de tecido, onde cada fio se liga e se intercala. Assim,

Policiais armados, fortes, grosseiros, na noite do domingo depois daquela sexta-feira, uma noite também fria e sem lua, invadirão o aparelho de Mara e Alfredo. Jogarão fora a caixa de sapatos com suas coisas pessoais. Um deles levará seus colares, brincos e pulseiras para a namorada, a esposa ou amante. O outro puxará com indiferença o pequeno cartaz à cabeceira da cama, rasgando-o, e dizendo, debochado: esses deviam sofrer de insônia. Outro dará um pontapé na cama, fazendo o estrado de madeira se partir em dois (Silveira, 2005, p. 248).

Objetos pessoais que apresentassem alguma serventia, sejam eles utensílios de cozinha ou acessórios, como brincos ou pulseiras, teriam como destino esposas ou amantes dos militares que cometem a atrocidade de atacar o apartamento sem ao menos lhes dar a opção de redenção. Deboche de todas as maneiras possíveis com os habitantes do local. Escárnio com a mobília assim como com a decoração do quarto.

Os constrangimentos e as dificuldades que passam alguns indivíduos implicam uma reflexão sobre os modos de ser e de agir de uma determinada época e sociedade. A narradora, Clarice, ao final do conto afirma que “E, no entanto, quase todos eles, quase todos nós, um a um, fomos presos ou mortos ou seguimos para o exílio. Fomos vencidos? Quem vai saber. Só a vida dirá se, ao perder a batalha, perdemos nela a esperança e a alegria de ser quem fomos e quem somos. Esse bando de irmãos” (Silveira, 2005, p. 251). É necessário, mesmo diante de tantas adversidades e complicações, manter a serenidade, a capacidade de lutar e o senso de que vale a pena a busca por ideais.

■ 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa selecionada para este trabalho exemplifica os elementos e a composição da literatura de testemunho que resgata e mantém ativo determinado evento, isto é, a Ditadura Militar que, frequentemente, se torna assunto questionável no processo histórico do Brasil. A necessidade do testemunho serve para relembrar o obscurantismo do qual a sociedade esteve à mercê e defrontar aqueles que negam as ocorrências desse passado. Por esse viés, Seligmann-Silva afirma que: “[...] o negacionista parece coincidir com o sentimento comum que afirma a impossibilidade de algo tão excepcional. O apagamento dos locais e marcas das atrocidades corresponde àquilo que no imaginário posterior também tende a se afirmar: não foi verdade” (Seligmann-Silva, 2009, p. 146-147). Dado o excerto, o negacionismo presente na sociedade procura encobrir as marcas e registros das atrocidades.

cidades cometidas pelo governo a fim de que possa se reerguer mais uma vez e permitir que vozes sejam silenciadas e direitos tomados.

Destacamos neste artigo quatro heterotopias: a estação de trem, o prédio do jornal, as livrarias e o apartamento. Todas essas heterotopias têm como fio de ligação a protagonista. Todos esses espaços se caracterizam, de uma forma ou outra, com um ou mais tipos de posicionamento apontados por Foucault para uma heterotopia, a saber: passagem, parada provisória e repouso. A heterotopia do apartamento “aparelho” é a mais complexa, a que guarda relações humanas mais intensas e que demanda um estudo mais minucioso confrontando-se com outros textos literários.

Paralelamente, a análise espacial conduzida neste trabalho dialoga em consonância com a literatura de testemunho, pois os ambientes compostos na obra literária são espaços que, no passado, foram palco dos acontecimentos narrados pelo caráter documental da história e que também são alvos do negacionismo; esse processo de apagamento e supressão de vozes deve ser evidenciado, ainda que dependa da literatura como forma de enfrentamento e testemunho, como salienta Seligmann-Silva (2008, p. 70), “A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço”. Dessa forma, a literatura de testemunho é uma aliada da história para preservar o passado e silenciar aqueles que consideravam a ditadura “imemoriável” ou inexistente.

Diante do exposto, o espaço é uma categoria que tem ganhado notoriedade nos estudos literários. Faz-se de suma importância analisar os espaços descritos na obra bem como sua relação com as personagens que compõem a trama. No conto “Felizes poucos”, de Maria José Silveira, nota-se que há uma riqueza de detalhes no que tange ao espaço, o que contribui significativamente para a compreensão

da obra e ajuda a entender a sequência de ações na diegese. Espaços abertos e fechados, públicos ou privados, as heterotopias e as relações sociais são apresentadas de forma dinâmica a partir do macroespaço da cidade de São Paulo.

■ REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Unesp, 1998.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura**: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- CARPENTIER, Alejo. **Literatura & consciência política na América Latina**. São Paulo: Global Editora, 1980.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**, v. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Repensando o campo literário a partir do testemunho: um percurso d Ésquilo a Lobo Antunes. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.). **A escrita da finitude** – de Orfeu e de Perséfone. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Auschwitz: história e memória. **Pró-Posições**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 78-87, 01 jul. 2000. Trimestral. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644045/11489>. Acesso em: 06 jun. 2020.
- SILVEIRA, Maria José. Felizes poucos. In: RUFFATO, Luiz (org.). **Mais trinta mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 231-252.